

# PERSPECTIVAS LINGUÍSTICO-TEXTUAIS DA ESCRITA FRAGMENTÁRIA NA LITERATURA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

Matilde Gonçalves

## Introdução

A modernidade está associada à descontinuidade e à fragmentação, veja-se a emergência de termos como “atomização”, “fractais”, “caos”, “descontínuo”. O trabalho aqui apresentado dá conta da existência de um modo de escrita que denominamos como escrita fragmentária, integrado na literatura portuguesa contemporânea (segunda metade do século XX).

O principal objectivo deste artigo é patentear quais os elementos principais que caracterizam a escrita fragmentária.

Para tal dividimos este estudo em três partes. Em primeiro lugar, tentaremos definir o que entendemos por escrita fragmentária. Em segundo lugar, caracterizaremos alguns elementos que patenteiem o modo de construção textual e, por fim, daremos conta de percursos interpretativos que a escrita fragmentária oferece ao leitor.

## Caracterização da escrita fragmentária

O trabalho sobre a escrita fragmentária decorre do interesse que temos pelas obras literárias cuja construção romanesca se associa a uma aparente desconstrução. Apesar de se inscrever numa tradição que vai desde os presocráticos, passando pelos românticos alemães, filósofos franceses do século XVIII (“La philosophie des Lumières”), Nietzsche ou ainda Roland Barthes, a escrita fragmentária apresenta traços particulares que fazem deste objecto um género textual recente cujos parâmetros ainda não estão totalmente estabilizados<sup>1</sup>.

A denominação escolhida – escrita fragmentária – pretende ter em conta esta identidade e individualidade, demarcando o objecto em análise dos fragmentos, visto que estes pertencem às formas breves e apresentam uma forma estática. A escrita fragmentária, pelo contrário, manifesta-se através de uma forma dinâmica, em perpétuo movimento, e isso é derivado da descontinuidade que tende a abalar o sistema textual.

A escrita fragmentária fundamenta-se em dois tipos de fragmentação – a fragmentação gráfica e a fragmentação textual – que actuam em níveis diferentes do texto sem, no entanto, estarem intrinsecamente separados. Assim, ambas as fragmentações se

---

<sup>1</sup> A distância temporal parece-nos um elemento determinante, tanto a nível da crítica científica como da estabilização do objecto em questão para poder dar conta dos parâmetros genéricos da escrita fragmentária, ou seja, determinar se é um género textual patenteando os elementos que o determinam.

interpenetram nos diversos níveis textuais. Partindo dos diferentes graus de percepção<sup>2</sup> que Bernard Pottier integra no seio da sua teoria semântica, situemos os dois tipos de fragmentação num eixo de percepção que vai do mais pregnante ao mais latente. A ideia de eixo, de *continuum* pretende dar conta da interpenetração dos dois tipos de fragmentação, a divisão entre os dois tipos não é sistemática. Assim, a fragmentação gráfica, que se situa a um nível latente, é visível; enquanto que a fragmentação textual, torna-se perceptível durante o processo de leitura.



Graus de percepção da fragmentação

### 1. A fragmentação gráfica<sup>3</sup>

Podemos observar elementos gráficos que participam na desconstrução textual e fazem com que o texto seja dominado por uma dinâmica de ruptura/recomeço.

Neste trabalho será apresentado um esboço dos elementos semio-gráficos<sup>4</sup> usados na escrita fragmentária. De acordo com L.G. Védénina<sup>5</sup>, distinguimos, por um lado, a pontuação e, por outro, a apresentação do texto. Sendo o nosso objectivo fazer um levantamento das marcas semio-gráficas em ocorrência nos textos em análise (cf. Anexos), não esgotaremos a análise do significado que as marcas podem adquirir no texto.

Partindo da noção de elementos semiográficos proposta por Boch, tomaremos em consideração os dois grandes grupos de elementos dessa natureza considerados por Védénina. Assim apresentamos esta tabela:

<sup>2</sup> Pottier Bernard, *Sémantique générale*, Paris, P.U.F., 1992, p.61.

<sup>3</sup> Reenviamos aos anexos para uma melhor visualização dos tipos de fragmentação.

<sup>4</sup> Françoise Boch entende por elementos semio-gráficos : “marques linguistiques non alphabétiques, à fonction sémiotique, sans correspondance stricte avec une forme phonique. « Études des marques sémiographiques dans l’écrit ordinaire : la prise de notes » in *Pratiques langagières et didactiques de l’écrit*, Grossam Francis (éds.), Publication du IVEL-LIDILEM, Univ. Stendhal, Grenoble III, 1989.

<sup>5</sup> Védénina L.G., *Pertinence linguistique de la présentation typographique*, Paris, Peeter-Selaf, 1989.

Elementos semiográficos presentes no corpus		
Pontuação		Apresentação do texto
Anexo 1.	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ O ponto final nem sempre é utilizado</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Espaço branco entre os sintagmas (nível horizontal)</li> <li>▪ Traço horizontal</li> <li>▪ Espaço branco (nível vertical)</li> <li>▪ Justificação<sup>6</sup></li> <li>▪ Itálico</li> </ul>
Anexo 2.	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Ausência de vírgulas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Espaços brancos (nível vertical)</li> <li>▪ Apagamento tipográfico</li> </ul>
Anexo 3.	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Presença de parênteses</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Itálico</li> <li>▪ Espaço branco (nível vertical)</li> <li>▪ Tamanho das letras diferente</li> <li>▪ Negrito</li> </ul>

Como podemos observar, é na apresentação do texto que a fragmentação se manifesta de maneira mais diversificada, recorrendo aos mecanismos acima expostos.

## 2. A fragmentação textual

Para exemplificar a fragmentação textual, recorreremos a um exemplo da obra de Augusto Abelaira, *Bolor*, (ver anexo *infra*). A fragmentação é do domínio da latência, visto que é durante a leitura que nos apercebemos da descontinuidade temporal deste diário. Com efeito, o leitor apercebe-se que o diário não começou a ser escrito na primeira página, mas sim no meio do caderno: “as duas páginas anteriores, e também esta, não foram escritas depois da cento e catorze, como seria lógico, mas em dez de Dezembro<sup>7</sup>.” (Abelaira, 1986:100).

Outros mecanismos de fragmentação textual serão patenteados na parte “modo de construção textual” (ver *infra*), nomeadamente as rupturas a nível nominal, temporal e enunciativo.

### Modo de construção textual

Nesta parte, pretendemos objectivar o modo de organização textual que se determina pela falta de unidade, visto que a fragmentação cria uma irradiação de sentidos gerada pela ruptura da linearidade. Participam neste processo elementos gráficos e tipográficos, como já vimos, ruptura da coesão nominal e temporal e imbricação das vozes enunciativas, como veremos posteriormente.

<sup>6</sup> A justificação corresponde ao comprimento da linha. (L. Védénina, 1989:91.)

<sup>7</sup> O diário começa a 11 de Dezembro, daí a ruptura temporal criada pela incursão do dia 10 de Dezembro no meio do diário.

No quadro do Interacionismo Sócio Discursivo<sup>8</sup>, a arquitectura dos textos é descrita como um folhado e é constituída por três níveis organizacionais (infraestrutura geral, mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos). Estes níveis sobrepõem-se e interagem entre eles. Os mecanismos enunciativos correspondem ao nível exterior. Logo a seguir vêm os mecanismos de textualização e finalmente a infraestrutura geral, que corresponde ao nível mais profundo do texto.

Focaremos os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativos visto que se manifestam de forma peculiar na escrita fragmentária.

## **1. Mecanismos de textualização**

Os mecanismos de textualização são constituídos pela conexão, pela coesão nominal e coesão verbal. Interessar-nos-emos pela coesão nominal e pela coesão verbal, partindo de exemplos concretos.

### **1.1. Coesão nominal**

Através da coesão nominal são explicitadas as relações de solidariedade entre argumentos partilhando uma ou várias propriedades referenciais. Distinguem-se duas funções da coesão nominal: a de introdução e a de retoma. A função “introdução” marca a presença de uma “unidade-fonte” no texto e representa o início da cadeia anafórica. A segunda função, a de retoma, funciona como elemento de retoma de essa “unidade-fonte” no texto. A segunda função corresponde à retoma dessa “unidade-fonte” no texto:

Les mécanismes de cohésion nominale consistent à introduire les arguments et à organiser leur reprise dans la suite du texte; ils sont réalisés par un sous-ensemble d’unités que l’on qualifie d’anaphores. (Bronckart, 1996:267)

Observemos alguns exemplos que nos permitam caracterizar como se manifesta a coesão nominal na escrita fragmentária.

(1) Infausta disse-lhes (Llansol, *Lisboaleipzig 1*, p.10)

Neste exemplo, não sabemos qual é o antecedente de “lhes”, esta ausência cria uma ruptura da cadeia anafórica.

(2) - A voz está sozinha – disse minha mãe, ainda eu estava no seu ventre, a ler-me poesia.  
- Não por muito tempo – reponderam àquela que me iniciava na língua. E eu nasci na sequência de um ritmo. (Llansol, *Onde vais drama-poesia?*, p.11)

---

<sup>8</sup> O Interacionismo Sócio Discursivo (ISD) é desenvolvido por Jean-Paul Bronckart, Cf. Bronckart, Jean-Paul *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme socio-discursif*, Lausanne, Delachaux et Niestlé, 1996.

Neste caso, o sujeito de “responderam” permanece desconhecido. Observemos que o fenómeno aqui descrito é diferente do que acontece com a presença de um sujeito nulo, com efeito, este tem uma “referência contextualmente determinada”<sup>9</sup>. No exemplo (2), não se sabe a que voz enunciativa reenvia, visto não haver referência determinada.

(3) A história começou quando me vi forçada a preservar a minha solidão. Fugi de casa sem dizer nada a ninguém. Eva estava a andar pela praia fora sempre em frente sem destino certo quando sentiu passos atrás de si. (Centeno, p.32.)

Neste exemplo, vemos que o trecho começa com a primeira pessoa “me vi forçada”, “fugi” e passa à terceira pessoa (personagem Eva). Manifesta-se novamente uma ruptura da cadeia anafórica.

Nesta parte, não foi feito um estudo exaustivo da coerência nominal na escrita fragmentária. No entanto e partindo do que foi observado, consideramos como específico da escrita fragmentária a ruptura da cadeia anafórica, que cria uma descontinuidade estrutural.

## 1.2. Coesão verbal

Nesta parte será focada a coesão verbal à luz da teoria desenvolvida no quadro do ISD.

Les mécanismes de cohésion verbale contribuent à l’explicitation des relations de continuité, de discontinuité et/ou d’opposition existant entre les éléments de signification exprimés par les syntagmes verbaux. (Bronckart, 1996 :277)

Sabendo que os textos escolhidos pertencem ao discurso literário, os mecanismos que regem a coesão temporal manifestar-se-ão, relativamente a outros tipos de discurso, de forma peculiar<sup>10</sup>. Assim, visto que os textos narrativos pertencem predominantemente à ordem do narrar o mundo textual é disjunto do mundo ordinário do acto de produção. Bronckart explicita que a disjunção se realiza a partir de uma “origem espacio - temporal”, é a partir deste elemento que se organiza o eixo temporal e, assim, a coesão temporal.

Bronckart, na definição dos tipos de discurso pertencendo à ordem do narrar, explicita que as coordenadas gerais desses tipos de discurso são disjuntas do mundo “normal” do produtor e do receptor do texto e que, assim, criam um outro mundo. Como é sabido o presente do indicativo possui vários valores, um deles é o presente intemporal. Esse valor faz com a “origem (espaço) - temporal” do mundo referenciado não seja tão explicitada e tende, assim, a criar indeterminação relativamente a esse mundo.

<sup>9</sup> Reenviamos para a definição do sujeito nulo tal como apresentada na *Gramática da Língua Portuguesa*, (éds. M.H.M. Mateus, A.M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria), Lisboa, Caminho, pp.442-449.

<sup>10</sup> Sobre uma definição mais detalhada dos mecanismos de coesão temporal, reenviamos ao capítulo 8 “Les mécanismes de textualisation: la cohésion verbale” de Bronckart, 1996, pp.277-316.

(4) Estou sentada na eira. Estou no centro do mundo. Aprendo a imobilidade (Centeno, p.14)

(5) Sou um espaço vazio de palavras. Um pensamento: palavras. Uma palavra: vazio. Outra imobilidade. Pelas palavras adquiro movimento. Pequeno ínfimo movimento. (Centeno, p.15)

(6) o que advém do texto é a construção de palavras

o que advém do espaço é o seu sentido;

o que advém da manhã é o sentimento de perda;

o que advém da noite é o recomeço da frase interrompida; (Llansol, *Onde vais drama-poesia?*, p.9)

Deparamo-nos também com enunciados sem tempos verbais:

(7) Cama de ferro forjado pintada de preto com um cesto meio tosco desenhado na cabeceira e nos pés. (Centeno, p.13)

(8) Um estilo endurecido pelo silêncio. Depurado de advérbios e outros arredondamentos fáceis. (Centeno, p.40)

(9) Um objecto estandardizado, construído peça a peça por mãos alheias que nunca apertaram uma nas outras, igual a milhares de outros neste momento cobrindo milhares de pulsos (diferentes). (Abelaira, p.16)

Interessemo-nos pela presença de tempos verbais como o infinitivo e o gerúndio que, como o presente intemporal e a ausência de tempos verbais, participam na ausência de uma origem temporal ou na indeterminação da mesma. Weinrich, na sua obra, *Le temps*, define-os como sendo “formes semi-finies”:

Il reste à introduire la description des formes non-finies. Je préfère dire « semi-finies ». /.../ Formule bien particulière, correspondant à une information sémantique qui n'est pas reliée à la situation de locution par aucune information syntaxique supplémentaire. /.../ dépourvues d'information syntaxique qui puisse les ancrer dans la situation de locution, ces formes n'ont rien de commun avec des temps. (Weinrich, 1973 :284)

Vejamos alguns exemplos :

(10) Parar para poder ver. (Centeno, p.13)

(11) Cinco copas arredondadas em forma de taça três muito altas destacando-as no céu e duas pequeninas quase à altura das mãos. (Centeno, p.23)

(12) Em vez de um relógio enorme a esconder-te o pulso frágil, um relógio pequeno. Em vez de... Poderias. (Abelaira, p.14)

(13) O luar libidinal é o nome que dou, hoje, a esse compromisso. Uma jubilosa difusão do caminhante pelas ruas, a escrever cópias de noite.

Fugir ao destino do vate. Fugir à mediocridade da autobiografia. (Llansol, *Onde vais drama-poesia?*, p.18)

Pretendemos, através da análise dos exemplos citados, dar conta de alguns processos característicos dos textos fragmentários. Podemos, então, reparar que os três mecanismos temporais inerentes à escrita fragmentária, o presente intemporal, a ausência de tempos verbais e a presença de formas temporais semi-finitas participam em dois processos: 1) a ausência e/ou indeterminação da origem temporal, 2) essa ausência e/ou indeterminação faz com que não fique expressa a “relação de continuidade, descontinuidade e/ou oposição existindo entre os elementos de significação expressos pelos sintagmas verbais.” Estes processos manifestam uma ruptura na coesão temporal e acentuam a descontinuidade inerente à escrita fragmentária.

## 2. Mecanismos enunciativos

Os mecanismos enunciativos subdividem-se em distribuição das vozes e marcação dos pontos de vista. Focaremos a distribuição das vozes. Na escrita fragmentária podemos observar dois tipos de manifestação dos mecanismos enunciativos.

### 2.1. Imbricação das vozes enunciativas

- (14) Cedo porque \_\_\_\_\_ sim, Anna e Infausta estão no texto e eu, não.  
Fala Anna.  
Nós dizemos.  
Nós dizemos (e Anna fala na boca de Infausta) lá fora há luzes (...) **Eu** não tem importância para mim, (diz). **Nós é quem** ou nuvem que guarda as alegrias percebíveis do encontro (...) (Llansol, *Lisboaleipzig 1*, pp.76-77).

Observa-se neste exemplo dois pontos importantes: primeiro, que a voz enunciativa “eu” declara a sua ausência textual; segundo, que o “nós” – correspondendo ao “eu” + outra voz – institui a presença do “eu”, ou seja o “eu” deixa de existir por si próprio, mas reclama a sua existência através da imbricação enunciativa “eu + outro”. Outro elemento chamou a nossa atenção: “Anna fala na boca de Infausta”, reparamos que este enunciado denota a ideia de imbricação, com efeito duas vozes unem-se numa só.

O exemplo da obra de Y. K. Centeno (ver *supra*) dado para a coesão nominal também mostra a imbricação das vozes enunciativas “eu” e “ela” (a personagem Eva).

### 2.2. Confusão/fusão entre as vozes enunciativas

- (15) fico perturbado (Abelaira, 1986:114)
- (16) cansada por uma tarde inteira de laboratório inútil (Abelaira, 1986:128)
- (17) O meu diário é uma brincadeira, não escrevo na minha primeira pessoa, mas na primeira pessoa dos outros. Por exemplo, na tua. (Abelaira, 1986: 114)

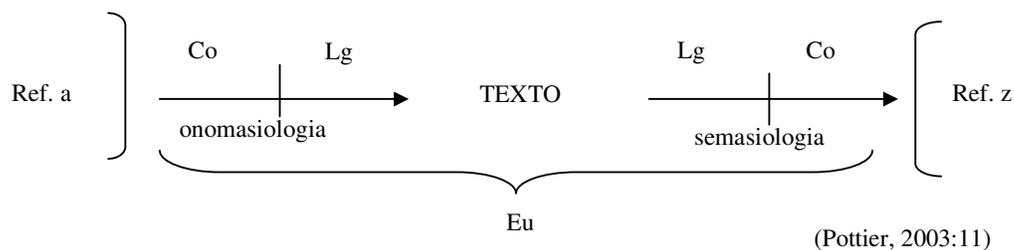
A obra na qual se manifesta mais intensamente a fusão/confusão entre as vozes enunciativas é no diário de A. Abelaira, *Bolor*. Sabe-se que um diário é um texto íntimo escrito por uma única voz. Reparámos, no entanto, no exemplo (15) na presença de um “eu” masculino “perturbado” e no exemplo (16) um “eu” feminino “cansada”. Existe um deslize constante entre a voz masculina e a voz feminina, que faz com que a compreensão textual se torne mais difícil. O exemplo (17) acentua a dificuldade na criação de um percurso interpretativo visto que o enunciador assume a sua voz “na minha primeira pessoa” e a dos outros “na primeira pessoa dos outros”. Uma dúvida – quem fala? – é oriunda do deslizamento entre um “eu” masculino e um “eu” feminino e entre a (con)fusão entre o “eu” da “minha primeira pessoa” e o “eu” da “primeira pessoa dos outros”.

Como vimos, as manifestações dos mecanismos enunciativos criam um efeito de descontinuidade no seio das vozes enunciativas. Assim, a leitura requer uma participação mais activa do leitor afim de (re)criar o(s) sentido(s) que o texto oferece.

### **Percursos interpretativos**

Nesta parte, tentaremos evidenciar quais os processos dos percursos interpretativos que a escrita fragmentária sugere.

Segundo o esquema dos diferentes percursos da comunicação desenvolvido por B. Pottier, devemos considerar o percurso onomasiológico seguindo a perspectiva do enunciador e o percurso semasiológico, seguindo a perspectiva do interpretante. O estudo das características da escrita fragmentária permite reconstruir as operações enunciativas da conceptualização à semiotização e à discursivização. É, com efeito, através dos índices textuais que o interpretante poderá interpretar, isto é, construir uma representação. O esquema de Bernard Pottier permite visualizar os diferentes percursos.



- Ref. a: referente de partida
- Ref. z: referente de chegada
- Co: percurso de conceptualização
- Lg: recursos da língua

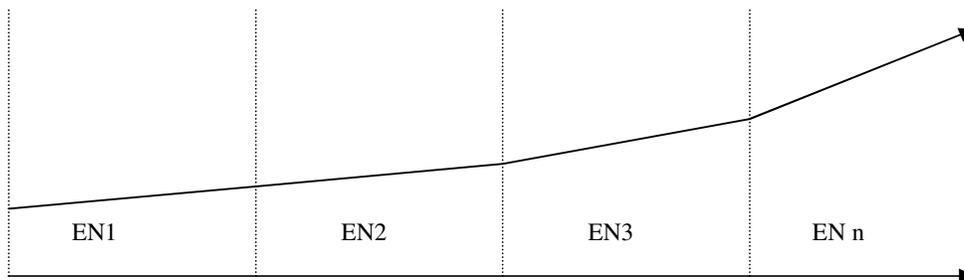
Quando se fala em interpretação, intervém a noção de compreensão. Como sublinha F. Rastier (1994:10), esta noção é muito usada sem no entanto ser discutida ou problematizada. O autor entende por compreensão a consciência de um resultado e a nível da semântica linguística aponta para uma relação entre compreensão e interpretação:

La compréhension, déliée des réquisits psychologiques, est une interprétation : elle consiste à stipuler, sous la forme de paraphrases extralinguistiques, (i) quels traits sémantiques sont actualisés dans un texte, (ii) quelles sont les relations qui les structurent, et (iii) quels indices et/ou prescriptions permettent d'actualiser ces traits et d'établir ces relations, qui sont autant de chemins élémentaires pour des parcours interprétatifs. (Rastier, 1994 :12)

Como explicita o autor, a interpretação é uma construção, um resultado a partir da identificação dos signos textuais.

L'interprétation ne s'appuie pas sur des signes déjà donnés, elle reconstitue les signes en identifiant leurs signifiants et en les associant à des signifiés. L'identification des signes comme tels *résulte* donc de parcours interprétatifs. (Rastier, 1992:12)

Joaquim Fonseca propõe um esquema para explicitar – em que se sucedem enunciados (EN1, EN2, ENn, etc.) – o mecanismo da compreensão/criação de sentido.



Esquema da reelaboração do sentido (Fonseca, 1992 : 47)

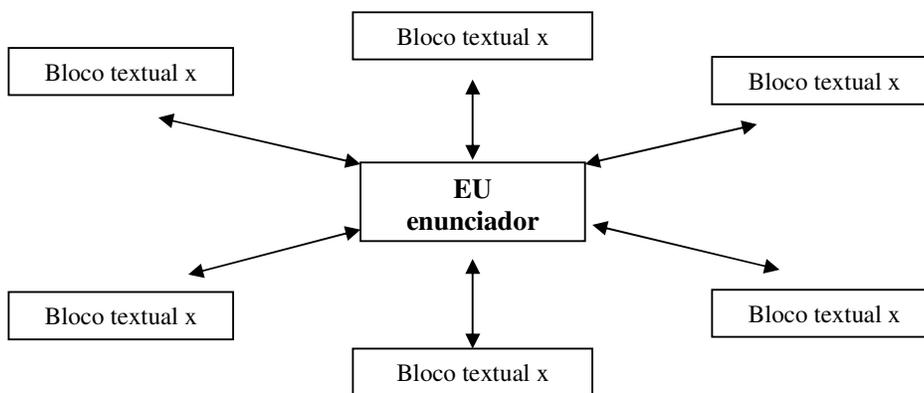
A compreensão é um mecanismo complexo, no qual interagem duas dimensões: o local e o global. O local, que pode ser representado pelos enunciados, é influenciado pelo global, que é o texto: “le global détermine le local” (Rastier, 2001:13)

Não interpretamos linearmente um texto antes o fazemos pela integração sucessiva das representações que convém a conjuntos de ENs no interior do todo textual. (Fonseca, 1992 : 41)

A linearidade é uma noção à qual é difícil distanciar-se. A definição, que Joaquim Fonseca dá da interpretação, explicita uma não linearidade, no entanto, o esquema apresentado denota uma linearidade na interpretação/reelaboração de sentido.

No caso da escrita fragmentária, a interpretação e/ou a edificação dos percursos interpretativos torna-se mais complexa do que para um texto dito “normal”. Com efeito, os índices interpretativos que este tipo de escrita disponibiliza ao leitor perturbam o percurso interpretativo, visto que este está habituado a uma determinada arquitectura dos textos narrativos. A falta de coesão, tanto a nível nominal como a nível temporal, a imbricação e fusão das vozes enunciativas e a presença de elementos semiográficos (espaços brancos, linhas, blocos textuais com aparentes problemas tipográficos) requer uma participação activa do interpretante. O leitor é, de certa forma, convidado a preencher os espaços em branco, a completar as frases inacabadas e, assim, edificar um dos percursos interpretativos que o texto fragmentário disponibiliza, reconstituindo os signos.

Para visualizar o processo de construção de sentido na escrita fragmentária, propomos um esquema ramificado.



Esquema ramificado da compreensão textual da escrita fragmentária

Como vimos, a descontinuidade e a ruptura caracterizam a escrita fragmentária. A leitura dos textos fragmentários será linear ou não (tudo depende do leitor). Podemos ler os blocos textuais de forma contínua ou – e isso é algo que a escrita fragmentária propõe – lê-los de forma descontínua, ou seja, não seguir os blocos textuais mas sim saltar de um para o outro.

Através da descontinuidade linguística e textual inerente à escrita fragmentária, para criar sentido podemos recorrer a uma leitura descontínua. Isso é possível pela presença

do “eu- enunciador” , que apesar de se apresentar como fragmentado (veja-se a imbricação e a fusão das vozes enunciativas) funciona como eixo organizador<sup>11</sup>, visto que é um elemento sempre presente. Assim, o movimento<sup>12</sup> da compreensão não se efectua entre os blocos textuais – não colocamos elementos unificadores entre estes – mas sim entre o bloco textual e o eixo ”eu-enunciador”.

## **Conclusão**

Numa tentativa de descrição e análise da escrita fragmentária, evidenciamos alguns dos elementos que a caracterizam. A descontinuidade é criada por diversos mecanismos, que se manifestam nos diferentes níveis textuais, visíveis através da fragmentação gráfica e da fragmentação textual.

Na escrita fragmentária, a noção de signo linguístico (significante-significado) é encarada de forma peculiar, visto que os textos fragmentários recorrem ao sistema semiótico. Daí a ideia que os textos fragmentários não são somente textos que se lêem, são também textos para os quais é preciso olhar. Assim sendo, a escrita fragmentária propõe ao leitor outros modos de leitura, demonstrando que existem outros sistemas além dos lineares.

---

<sup>11</sup> A metáfora do “roseau pensant” de Pascal (*Pensées*) é uma ajuda preciosa para visualizar o processo criativo do “eu-enunciador”. Com efeito, o junco apresenta uma parte muito estável – a raiz – e a uma parte maleável – o cimo – que permite um movimento mais abrangente.

<sup>12</sup> A figura geométrica da espiral permite explicitar o processo dinâmico da compreensão entre os blocos textuais e o “eu-enunciador”. Não nos situamos no domínio linear e estático, existe um movimento perpétuo criado pela descontinuidade.

## Anexos

— Está ali? — O que tivera um vocabulário como outros têm as suas ferramentas de trabalho ou os seus móveis de quarto: não eram suas todas as palavras \_\_\_\_\_ só eram suas as suas palavras.

Foi o que pensei \_\_\_\_\_ fragmento no meu vestido. Mas o que pensava de mim Zimmer, o hospedeiro de Hölderlin? Ele não diz nada. Encontro-me com o princípio do mês de Outubro, que conta os seus dias no jardim. E eu ergo os olhos para o pinheiro Letra — o pinheiro que bifurca — acompanhando o ar que circula, e se esconde no interior do que não vemos; é a hora em que o dia não tem mais claridade para deixar, nem há mais esperança a ver, nem sentimentos odiosos a temer; é a hora temperada com as árvores, uma, duas, emoldurando a imagem de outra árvore \_\_\_\_\_ o mesmo espírito, teria ele dito quando ainda dizia; de outra árvore, procurando-se no que eu sou com a janela.

Holder chegou agora

como verei surgir diante dos meus olhos  
o objecto de beleza,

tal como, não hesitando, o meu espírito a há-de nomear.

Holder chegou com o carvalho serpenteando à sua volta, não deixando de ser o carvalho hierático que sempre fora. Ele chama-lhe «o magnífico» e eu a forma vertical deitada nos céus; os outros passam com as suas formas próprias, e dizem-nos o que Holder disse aos carvalhos:

58

20

Y. K. CENTENO

Felizmente Geneviève e Paco vieram ter comigo. Eu afinal não aguentaria estar sozinha muito tempo.

Título do romance: O Êxtase?

Por parte do pai: indiferença. Há muito tempo que o pai indiferente se retirou da casa. Não vive com ninguém. Deixou-nos a ilusão do corpo mas a alma ninguém sabe onde está. A mãe é possessiva. A casa pertence-lhe e as pessoas lá dentro também. O seu esforço é orientado no sentido de nada lhe fugir para coisas nem pessoas. Controla o tempo dos outros completamente. Foi o que aconteceu com o pai. O pai converteu-se pelo ressentimento. Não era tanto o que a mãe lhe fazia era mais o que ele nunca soube ser capaz de lhe fazer e daí pôde-lhe limpar os limites de sua pessoa e das pessoas dos outros.

Estou em Miraflores nos arredores de Tavira. Dizem que aqui há bruxas. Que se rapam à noite nas ruínas. A doçura do clima torna-as mais tentadoras. Noites quentes mar tão perto que se respira o sal rochas arredondadas como camas. As bruxas despem-se dançam e cantam para quem as quer ver e depois oferecem-se. Cavalgam as suas vítimas que não resistem aos uivos de prazer. Furam-lhes o corpo com um pau de vassoura lambem-nas de alto a baixo e às vezes pegam-lhes fogo e atiram-nas para o mar. Nunca se morre nestas festas daí o seu sucesso. Há quem venha de longe para ser iniciado.

**Anexo 1.** Llansol, M. G. (2000) *Onde vais drama-poesia?*, Lisboa, Relógio d'água, p.58.

**Anexo 2.** Centeno, Y.K. (1982) *No jardim das Nogueiras*, Lisboa, Livraria Bertrand, p.20.

As duas páginas anteriores, e também esta, não foram escritas depois da cento e catorze, como seria lógico, mas em dez de Dezembro. E quando amanhã (onze de Dezembro) *começar* este diário cheio de preocupações pelo destino que me aguarda na página cento e quinze, então ainda branca — como hei-de escrever —, mentirei escandalosamente. Essa página já não será pertença do futuro, não aguardará um destino imprevisível (coisas de cortar o meu coração e o coração do mundo), estará escrita há vinte e quatro horas, será o passado — foi a primeira deste diário a ser escrita, e esta é a terceira.

*Nota do Editor, mas não do romancista, nem sequer do autor (ou autores) do diário: Este capítulo «Sem Data», corresponde, nas anteriores edições, à página 115, tantas vezes referido ao longo do texto. Para todos os efeitos, ela deverá ser identificada, durante a leitura, como página 115.*

100

**Anexo 3.** Abelaira, A. (1986, (1ª ed. 1968)), *Bolor*, Lisboa, O Jornal, p.100.

## Corpus

Abelaira, Augusto (1986, (1ª ed. 1968)), *Bolor*, Lisboa, O Jornal.

Centeno, Yvette, K. (1982) *No jardim das Nogueiras*, Lisboa, Livraria Bertrand.

Llansol, Maria Gabriela (1996) *Lisboaleipzig 1*, Lisboa, Rolim.

Llansol, Maria Gabriela (2000) *Onde vais drama-poesia?*, Lisboa, Relógio d'água.

### **Referências bibliográficas**

Boch, Françoise (1989) « Études des marques sémio-graphiques dans l'écrit ordinaire : la prise de notes » in *Pratiques langagières et didactiques de l'écrit*, Grossam Francis (éds.), Publication du IVEL-LIDILEM, Univ. Stendhal, Grenoble III, 1989

Bronckart, Jean-Paul (1996) *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme socio-discursif*, Lausanne, Delachaux et Niestlé.

Fonseca, Joaquim (1992) *Linguística e Texto/Discurso. Teoria, Descrição, Aplicação*, Lisboa, ICALP.

Pottier, Bernard (1974) *Linguistique générale, Théorie et description*, Paris, Klincksieck.

Pottier, Bernard (1992) *Sémantique générale*, Paris, P.U.F.

Pottier, Bernard (2003) « Les représentations mentales » in OUTTARA, Aboubakar (éds.), *Parcours énonciatifs et parcours interprétatifs*, Paris, Ophrys.

Rastier, F., Cavazza, M., Abeillé, A. (1994) *Sémantique pour l'analyse, de la linguistique à l'informatique*, Paris, Masson.

Rastier, François (2001) *Arts et Sciences du texte*, Paris, PUF.

Susini-Anastapoulos, Françoise (1997) *L'écriture fragmentaire*, Paris, PUF.

Védénina L.G. (1989) *Pertinence linguistique de la présentation typographique*, Paris, Peeter-Selaf.

Weinrich, Harald (1973) *Le temps*, Paris, Seuil.